



Abaixo de Zero

Abaixo de Zero

OFERTA



Ficha Técnica

Título

Abaixo de zero

Edição

Núcleo de Animação Cultural | Câmara Municipal da Guarda

Coordenação

César Prata

Produção executiva

Joana Pereira

Autores

Américo Rodrigues, Arménio Bernardo, Evelina Coelho, Fátima Espírito Santo,
João Bigotte Chorão, Manuel Poppe, Maria Antonieta Garcia,
Norberto Gonçalves e Sérgio Currais

Direcção gráfica

Sérgio Currais

Execução gráfica

Tondelgráfica

ISBN

972-8813-53-8

Depósito Legal

224372/05

Tiragem

1000 exemplares

Março de 2005

Contactos

Câmara Municipal da Guarda | Núcleo de Animação Cultural
Telefone: 271 205 540 | fax: 271 205 546 / 271 211 297
email: cultura@mun-guarda.pt / nac-guarda@mail.telepac.pt



O Friø na Guarda

Fátima Espíritø Santø

*“Quando está frio no tempo do frio, para mim é como se estivesse agradável,
Porque para o meu ser adequado à existência das cousas
O natural é o agradável só por ser natural...”*

Alberto Caeiro

1 – Introdução

O clima de um local é o conjunto das condições meteorológicas predominantes nesse local durante determinado intervalo de tempo. Caracteriza-se pela frequência de ocorrência dos vários fenómenos meteorológicos pelos valores médios predominantes e por outras estatísticas, num período de vários anos.

A temperatura do ar é o elemento climático mais importante e o primeiro que se utiliza para descrever o clima de um local. De facto, todos os processos biológicos e todas as actividades humanas são influenciadas pela temperatura do ar, cujos valores extremos condicionam a possibilidade de vida animal e vegetal.

As coordenadas geográficas da estação meteorológica da Guarda, cujas observações da temperatura do ar foram utilizadas para este trabalho sobre o frio, constam no Quadro 1:

Quadro 1 Coordenadas da Estação Meteorológica da Guarda

	LAT (N)	LONG (W)	ALT (m)
Guarda	40° 32'	07° 16'	1019

2 – Clima Observado

2.1 – Valores médios no período 1971-2000

O valor normal de um elemento climático em um local é o valor médio correspondente a um número de anos suficiente para se poder admitir que ele representa o valor predominante daquele elemento no local considerado. A Organização Meteorológica Mundial fixou para este fim 30 anos. Utiliza-se a normal climática 1971-2000 e a respectiva comparação com a normal de 1961-1990 (*valores entre parêntesis*).

Os valores médios da temperatura do ar, na Guarda, variam durante o ano como é usual no nosso país, com um máximo no mês de Agosto e um mínimo no mês de Janeiro (Figura 1). No período 1971-2000, a média anual da temperatura mínima do ar é de **7,0 °C** (6,9 °C) e a média anual da temperatura máxima do ar é de **14,7 °C** (14,5 °C). A média anual da temperatura média do ar na Guarda é de **10,8 °C** (10,7 °C).

No Inverno (meses de Dezembro, Janeiro e Fevereiro) a média da temperatura mínima é de **1,9° C** (1,6 °C) e da temperatura máxima **7,5 °C** (7,0 °C).

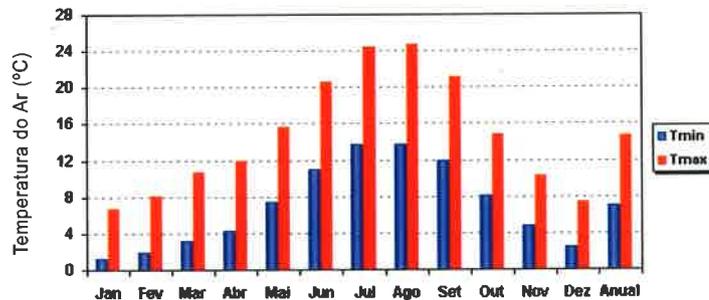


Figura 1 | Valores médios da temperatura do ar na Guarda (período 1971-2000)

2.2 – Valores Extremos da temperatura mínima do ar (Período 1941-2004)

O conhecimento dos valores de extremos climáticos reveste-se de grande interesse não só pelo aspecto da curiosidade e da surpresa, mas também, e principalmente, pela importância que representa no planeamento das actividades sócio-económicas e na vigilância e acompanhamento da evolução do clima.

Apresentam-se alguns extremos da temperatura mínima do ar registados na Guarda, no período de 1941 a 2004 (embora as observações na estação meteorológica da Guarda se tenham iniciado no século XIX).

No Quadro 2 apresentam-se os valores extremos da temperatura mínima do ar, por mês, observados na Guarda.

Quadro 2 | Extremos absolutos da Temperatura Mínima do Ar na Guarda

Mês	(°C)	Dia/Ano
Janeiro	-10.8	12/1985
Fevereiro	-12.3	11/1956
Março	-8.8	06/1971
Abril	-5.1	13/1958
Maio	-1.8	06/1982
Junho	1.2	03/1984
Julho	4.4	24/1981
Agosto	4.9	30/1974
Setembro	1.8	29/1974
Outubro	-1.5	30/1944
Novembro	-7.5	23/1988
Dezembro	-10.4	25/1962

De realçar o valor extremo da temperatura mínima do ar de **-12,3 °C** observado no dia 11 de Fevereiro de 1956. De referir ainda que valores da temperatura mínima do ar $\leq -10,0$ °C, no período 1941-2004, ocorreram por mais 4 vezes:

em Janeiro de 1985 nos dias 7 e 12, respectivamente, -10.0 e -10.8 °C; no dia 5 de Fevereiro de 1954, -10.0 °C e no dia 25 de Dezembro de 1962, -10,4 °C.

No Quadro 3 apresentam-se as maiores sequências de dias consecutivos com temperatura mínima do ar menor ou igual a -10.0, -5.0, 0, 7,0 e 10.0 °C.

Quadro 3 | Maior sequência de dias seguidos com temperatura mínima do ar \leq ao limite indicado

Limite (° C)	N.º de Dias	Período de Ocorrência
-10	1	1954, 1956, 1962 e 1985
-5	9	10 a 18/2/1956
0	32	20/12/1944 a 20/01/1945
5	91	23/12/1971 a 22/03/1972
7	159	24/10/1941 a 31/3/1942
10	207	09/11/1945 a 03/06/1946

No Quadro 4 apresentam-se os maiores e os menores valores da média da temperatura mínima, registados na Guarda, por meses, estações do ano e ano.

Período	Maior Média		Menor Média	
	Valor (°C)	Ano de Ocorrência	Valor (°C)	Ano de Ocorrência
Janeiro	4.7	1966	-1.9	1945
Fevereiro	5.8	1961	-4.6	1942
Março	9.6	1997	-0.7	1971
Abril	8.7	1945	0.9	1986
Mai	11	1989	3.2	1984
Junho	14.4	1976	8.2	1977
Julho	16.6	1991	10.5	1977
Agosto	17.7	1998	9.6	1977
Setembro	16.1	1987	9	1952
Outubro	12	1968	4.2	1974
Novembro	9.8	1981	0.7	2001
Dezembro	5.2	1989	-1.6	1970
Inverno	3.9	1997	-0.7	1941
Primavera	8.4	1997	3.1	1971
Verão	15	1991	9.4	1977
Outono	10.8	1948	5.9	1974
Ano	8.4	1998	5.5	1972

Quadro 4 | Valores Médios da Temperatura Mínima

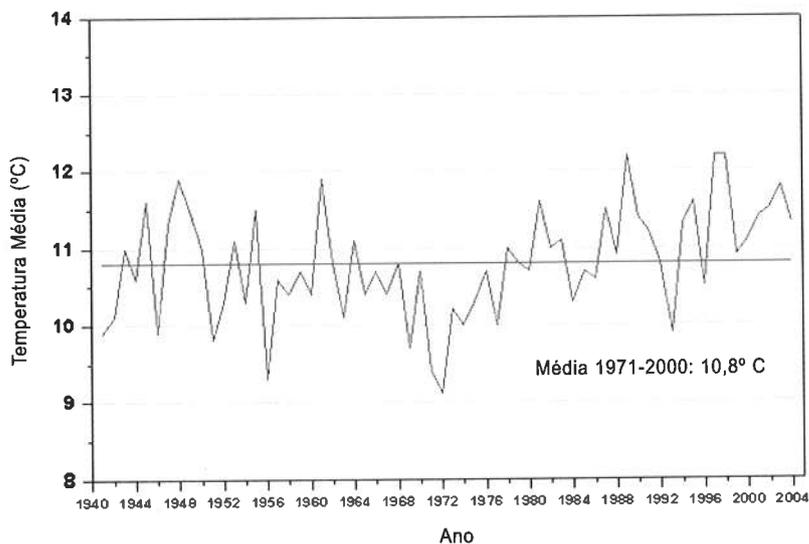
2.3 – Tendências Climáticas

Temperatura Média do Ar

Da análise da série da média anual da temperatura média desde 1941 (Fig.2) verifica-se:

- tendência crescente dos valores da temperatura média anual à superfície, a partir de 1972;
- 1972 o ano mais frio nos últimos 64 anos (1998 o mais quente);
- dos 10 anos mais frios apenas um (1993) ocorreu depois de 1990.

Figura 2 – Variabilidade anual da média da temperatura média do ar na Guarda



Temperatura Máxima e Mínima do Ar

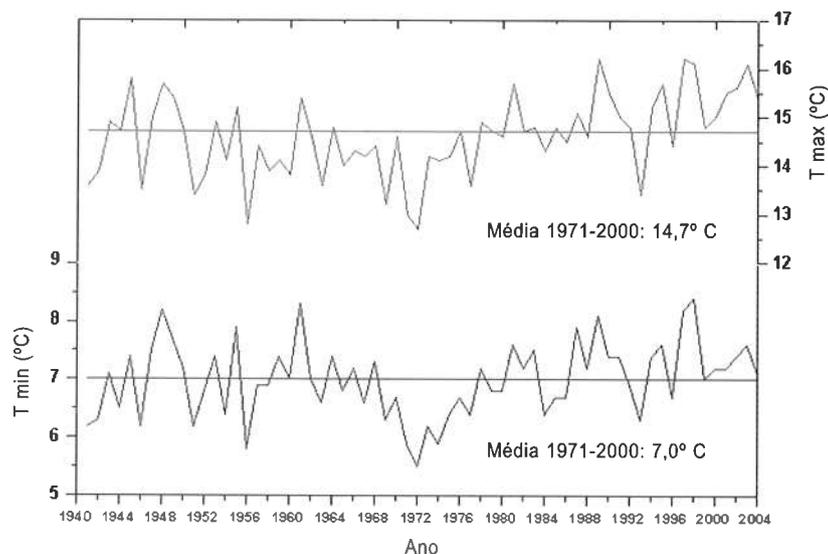
As séries da média anual da temperatura máxima e mínima do ar na Guarda, no período de 1941 a 2004 (Figura 3) apresentam tendências com o mesmo sinal das observadas ao nível do território; contrariamente ao verificado no Continente, o valor da tendência da temperatura máxima (+0,18°C) é bastante superior ao da temperatura mínima (+0,08°C).

No entanto, no último quarto de século registou-se um aumento significativo da temperatura máxima e mínima do ar, com os valores das tendências de ambas as temperaturas a serem da mesma ordem de grandeza.

Da análise da Figura 3 verifica-se que:

- 1972 foi o ano em que ocorreu o menor valor da média da temperatura mínima do ar (5,5 °C) e da média da temperatura máxima (12,7 °C);
- 1998 foi o ano em que ocorreu o maior valor da média da temperatura mínima do ar (8,4 °C);
- 1997 e 1989, anos em que se observou o maior valor da média da temperatura máxima do ar (16,2 °C);
- 2004 é o 8º ano consecutivo em que os valores da média anual da temperatura mínima e da temperatura máxima do ar estiveram acima do valor médio de 1971-2000.

Figura 3 - Variabilidade da média anual da temperatura mínima e máxima do ar, na Guarda



3 – Índices climáticos de temperatura

É usual caracterizar fenómenos climáticos extremos por meio de diversos índices climáticos, calculados a partir das observações diárias. Os índices climáticos têm uma importante função na identificação de alterações nos extremos climáticos e no estudo da variabilidade climática. Permitem verificar se o aumento na temperatura média é acompanhado, ou não, por uma alteração na frequência de dias muito quentes e/ou uma diminuição na frequência de dias muito frios, como resultado de um decréscimo da variabilidade.

No Quadro 5 apresentam-se os indicadores da temperatura do ar, considerados os mais representativos para caracterizar o frio.

Estes índices apresentam tendências de diminuição significativas, em particular nas últimas décadas.

Quadro 5

INDICADORES DE TEMPERATURA

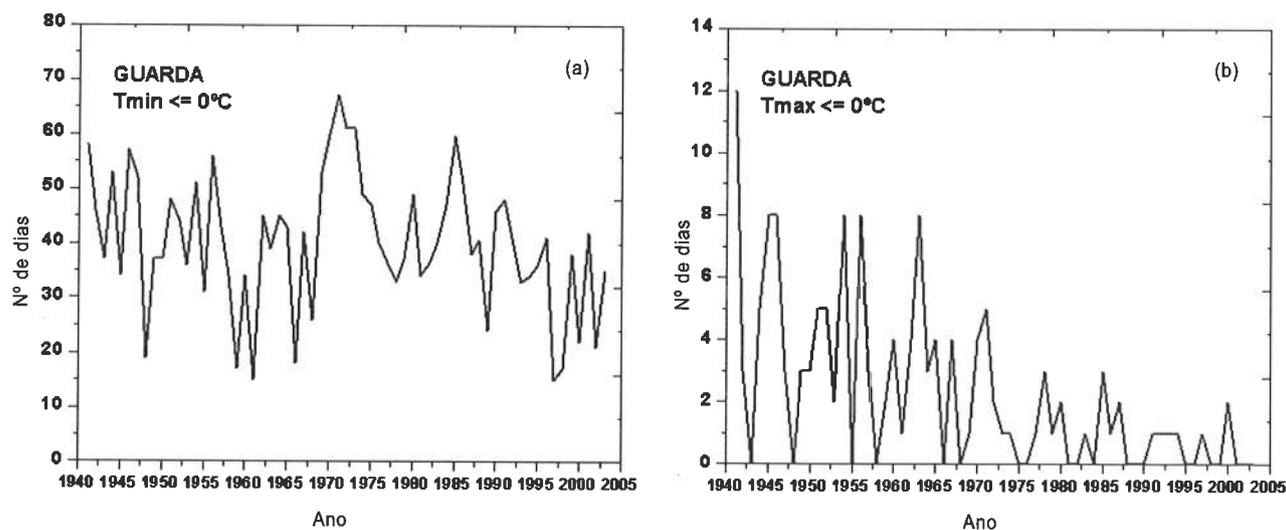
Indicador	Definição		Unidades
FD (Frost days)	N.º dias com geada	N.º de dias com $T_{min} < 0^{\circ}C$.	dias
ID (Ice days)	Nº dias de gelo	N.º de dias com $T_{max} < 0^{\circ}C$.	dias
CWDI (Cold-wave)	Onda de frio	N.º de dias onde, em intervalos de pelo menos 6 dias consecutivos, a temperatura mínima < ao valor médio diário (1961-1990) – 5° C	dias
TN10	Noites frias	Percentagem de dias com temperatura mínima < ao percentil 10 da temperatura mínima diária (1961-1990).	%
TX10	Dias frios	Percentagem de dias com temperatura máxima < ao percentil 10 da temperatura máxima diária (1961-1990).	%

3.1 – Número de dias no ano com geada (FD) e com gelo (ID)

A variação da frequência dos dias de geada e de dias com gelo é de extrema importância, em particular na agricultura. O número de dias com geada apresenta um máximo de 67 dias no ano de 1971 e um mínimo de 15 em 1960 e 1997; o número de dias com gelo tem um máximo de 12 dias em 1941 e nos últimos 30 anos tem variado entre 0 e 3 dias.

A Figura 4 apresenta a evolução do número de dias no ano com geada (a) e do número de dias no ano com gelo (b). Observa-se em ambas as séries uma tendência decrescente, apesar da variabilidade interanual que apresentam. O número de dias no ano com geada decresce a uma taxa de -1.5 dias/década, enquanto o número de dias no ano com gelo apresenta uma diminuição, estatisticamente significativa, de -0.8 dias/década.

Figura 4 - Número de dias no ano com geada (a) e com gelo (b)



3.2 – Ondas de Frio

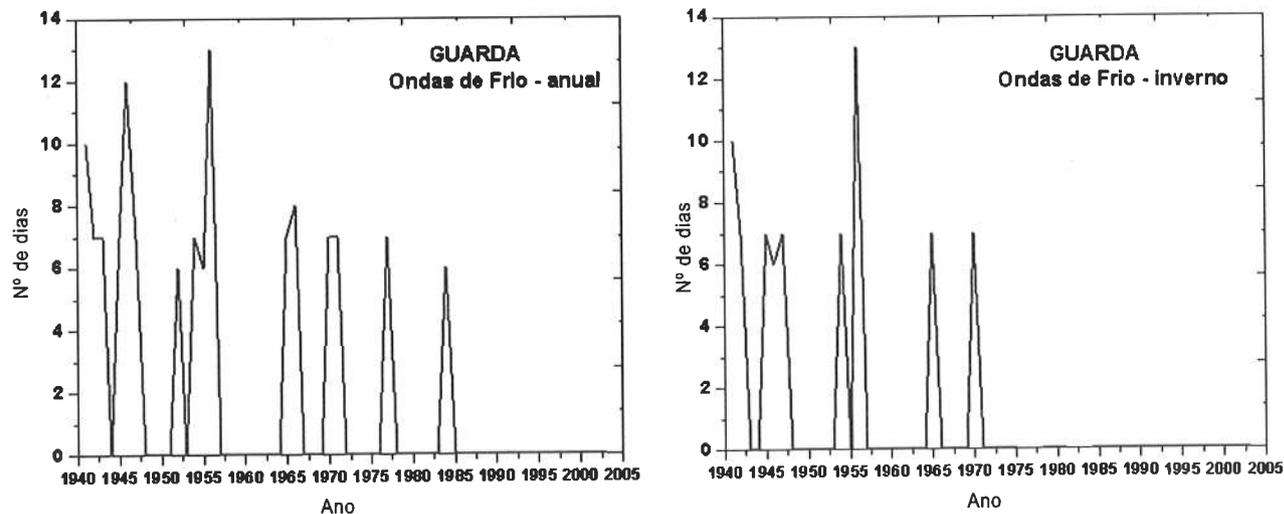
A definição de ondas de frio é estabelecida segundo a ocorrência e persistência, durante um determinado período de tempo, de valores da temperatura mínima do ar muito baixos.

O índice de duração de ondas de frio é definido pelo número de dias onde, em intervalos de pelo menos 6 dias consecutivos, a temperatura mínima do ar é inferior em 5 °C à temperatura mínima diária média no período 1961-1990.

Na Figura 5 apresenta-se o índice anual de duração de ondas de frio (a) e no Inverno (b).

A duração das ondas de frio têm variado entre 6 e 8 dias; as maior ondas de frio, com a duração de 13 dias e 10 dias, ocorreram respectivamente de 10 a 22 de Fevereiro de 1956 e de 3 a 12 de Janeiro de 1941. Em 1946 ocorreram duas ondas de frio, com a duração de 6 dias cada (total anual 12), de 15 a 20 de Janeiro e de 9 a 14 de Novembro.

Figura 5 – Índice de duração de ondas de frio - anual (a) e Inverno (b)



Observa-se em ambas as séries uma tendência decrescente, estatisticamente significativa. A diminuição observada no índice anual é de $-0,9$ dias/década, enquanto no Inverno a diminuição é de $-0,7$ dias/década.

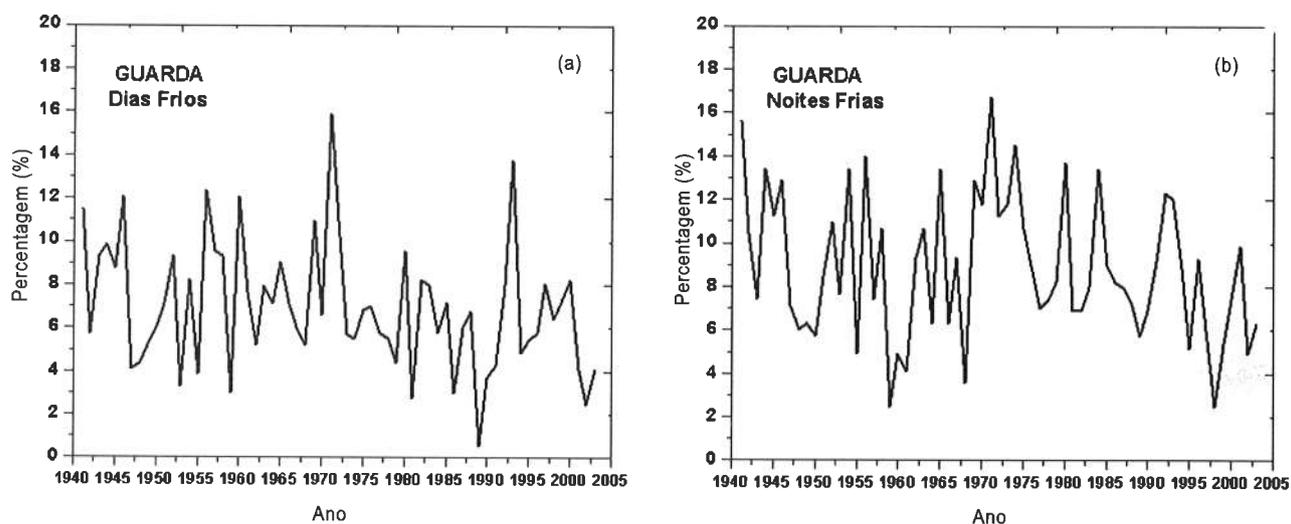
3.3 – Dias Frios e Noites Frias

Consideram-se dias (noites) frios aqueles em que a percentagem de dias (noites) com temperatura máxima (mínima) é inferior ao percentil 10 da temperatura máxima (mínima) diária (1961-1990).

1971 é o ano em que ocorreram mais dias frios e noites frias; 1989 e 1998 são os anos em que se observaram, respectivamente, menos dias frios e noites frias.

A Figura 6 apresenta o índice de dias frios (a) e noites frias (b). As duas séries apresentam uma tendência de decréscimo semelhante; no entanto apenas no índice anual de dias frios a diminuição é estatisticamente significativa.

Figura 6 – Dias frios (a) e noites frias (b)



Outros índices de temperatura, não incluídos neste trabalho possuem, em particular nas últimas décadas, tendências significativas na direcção do aumento entre os quais se salienta o número anual de noites tropicais (noites em que temperatura mínima \geq a 20 °C), o número anual de dias de Verão (dias em que a temperatura máxima é \geq a 25 °C), o índice anual de duração de ondas de calor e os índices anuais de dias e noites quentes. (O índice de duração de ondas de calor é definido pelo número de dias onde, em intervalos de pelo menos 6 dias consecutivos a temperatura máxima é superior em 5 °C à temperatura máxima diária média no período 1961-1990; consideram-se dias (noites) quentes aqueles em que a percentagem de dias (noites) com temperatura máxima (mínima) é superior ao percentil 90 da temperatura máxima (mínima) diária 1961-1990).

A análise destes índices de temperatura, permite afirmar que o aumento da temperatura média é acompanhado por uma diminuição na frequência de dias muito frios e pela alteração na frequência de dias muito quentes.

4 – Dados climáticos de referência (Inverno)

Os dados climáticos de Inverno, calculados no período 1981-2000, que se apresentam no Quadro 6 são:

- número médio de graus-dia de aquecimento (base de 20°C) correspondente à estação convencional de aquecimento e respectiva duração da estação de aquecimento;
- temperatura exterior de projecto de Inverno (TEP), correspondente à probabilidade acumulada de ocorrência de 2,5%.

O número médio de graus-dia de aquecimento caracteriza a severidade de um clima e é calculado pelo somatório das diferenças positivas registadas entre uma dada temperatura de base (20 °C) e a temperatura do ar exterior durante a estação de aquecimento. As diferenças são calculadas com base nos valores horários da temperatura do ar (termómetro seco).

O número médio de graus-dia de aquecimento, para além de outras aplicações, têm sido usados na estimativa das ne-

Quadro 6

Dados climáticos - Inverno			
	Nº Graus-Dias (°C.dias)	Duração Estação aquec. (meses)	TEP (°C)
Guarda	2700	8,0	-2,8

cessidades de aquecimento dos edifícios e na previsão dos consumos das instalações correspondentes.

A estação convencional de aquecimento é o período do ano com início no primeiro decêndio posterior a 1 de Outubro, em que a temperatura média diária é inferior a 15 °C, e com termo no último decêndio anterior a 31 de Maio em que a referida temperatura ainda é inferior a 15 °C. Nos meses de Outubro a Maio, a temperatura média do ar, na Guarda, é inferior a 15 °C pelo que a duração da estação de aquecimento é de 8 meses.

As Temperaturas Exteriores de Projecto são as temperaturas convencionadas para o dimensionamento corrente de sistemas de climatização e definem-se como as temperaturas exteriores que não são ultrapassadas inferiormente, em média, durante mais do que 2,5% do período correspondente à estação de aquecimento, isto é, temperaturas que durante um Inverno típico não serão excedidas durante 54 horas.

Frios, memórias e afectos da Guarda

Maria Antønieta Garcia

No Inverno, vento, chuva, neve, e um solzinho de quando em quando, inundavam a cidade de espelhos. Enroupados até às orelhas, escondíamos, como podíamos, o corpo do frio, porque na Guarda tinha frio, mesmo quem tinha brio. De fora, por razões óbvias, ficavam os narizes vermelhos e os joelhos roxinhos de fazer dó; *in illo tempore*, as calças diziam das mulheres coisas que exigem um cala-te boca, não vá, ainda hoje, uma língua má tecê-las. As mãos, com luvas ou sem elas, engadanhavam-se, e os pés, geladinhos, esforçavam-se por enfrentar o rigor de temperaturas que deuses inventaram para castigo de qualquer pecado original.

A bater o dente, encafuávamo-nos em vestimentas sobrepostas e desafiávamos o número de mangas que era capaz de aquecer cada um(a). Ao fundo do braço, contávamos:

— *Uma, duas, três, quatro, cinco...*

Corpo imobilizado, atado e espartilhado, mandavam as regras e a temperatura...

O frio não era igual para todos, e Deus dava mais frio a quem tinha menos roupa. O provérbio, de má consciência, trocara as voltas à verdade, e bem se via que, se aquilo que a gente sente cá dentro tivesse voz, muito queixume guardaria a cidade.

Nas casas velhas, a neve buraqueira infiltrava-se na telha, e o vento assobiava e voava louco sabe-se lá para onde... Arrefecia tudo e um arrepio escorria pela roupa cansada

de uso e a pele de galinha apoderava-se do corpo todo; rabanadas furiosas uivavam, rangiam as portas, enovelavam-se pelas folhas de papel que enfeitavam a cantareira e tapavam as frestas das velhas casas.

— *Maldito frio!*

— *Está como Deus quer!*

Que queria Deus?

Casas com histórias para contar, porque têm história, eram outras; velhas também, mas onde era possível aproveitar os espaços até ao último recanto. Colocavam-se camas, criava-se um quarto. E quantas mais coubessem, melhor...

Uma braseira de borralho chegava, que a pá para mexer as brasas era de pouca serventia, para o lume durar até à noite. Acendia-se de manhã, e à hora de almoço e durante a tarde, depois das aulas, disputava-se o calor a palmo. Juntinhos, no estrado, os pés tinham lugar com fronteiras marcadas pelos pés do vizinho. Uma mesa com camilha, ou um cobertor por cima das pernas, impediam que o calorzinho, assim pequenito mas ternurento, se escapulisse. Polainas de cartão, por baixo das meias ou, para as mais dotadas, forradas e com uns atilhos que as mantinham agarradinhas às pernas, protegiam das *chouriças*, motivo de chacota de atrevidos e insensíveis; as mulheres usavam saia, e a braseira abrasava, surrealista de gosto duvidoso a desenhar mal, mas capaz de exorcisar desconfortos e frios. Nas camas, as botijas rivalizavam com

os sacos de água quente. Na falta de uns e de outros, a imaginação aguçava o engenho e os ferros de engomar e as braseiras passeavam nos lençóis que fumegavam. Excelente, para quem podia, era o saco ou botija de água a ferver: de manhãzinha, mornita, a água assegurava a lavagem apressada antes de sair de casa.

Nesses tempos de sincelo, de estalactites que cresciam desde os beirais do telhado, à beirinha das janelas, que brilhavam, doidas, nas gárgulas da Sé, até era agradável a partilha dos quartos entre a gente da região que vinha estudar para a cidade. O calor dos corpos e o bafo tépido da respiração enchiam o ar de solidariedades e cumplicidades entre os que estavam afastados de casa. Depois da desconfiança até a roupa se multiplicava... e a amizade criava raízes para uma vida. A calça, a camisola e os casacos colectivos confirmavam que todo o farrapo serve a corpo de pobre. O desajeitado ajeitava-se com a graça da imaginação.

Aprendidos os modos da cidade, os moços perdiam o ar de homens de imitação que os barbeiros da aldeia, alfaiates e outros traçavam; as mocinhas deixavam de lado as combinações tecidas com restos de lã, essas que teimavam aparecer por debaixo dos vestidos, quando os professores mandavam ao quadro e o braço esticadinho descobria a inconfidência. O giz da timidez nascido das origens aldeãs, multiplicava os erros e o mundo desabava com os sorrisos trocistas de quem não sabia que as combinações coloridas de *crochet*, quentinhas como só elas,

se transformavam, de repente, em peças de vestuário a que apetecia fazer auto de fé. Ainda assim, vingavam, durante anos, a aquecer o carinho da avó ou da mãe posto no tecer do calor para a menina. Depois, ficava na arca da aldeia, a entristecer... a combinação irmã das que aqueceram gerações e gerações...

Na moda da Guarda impôs-se o garruço. De cores garridas e feitios exóticos emoldurava as caras das raparigas e era peça essencial do vestuário, a par dos lenços que, nas décadas de 50/60, rematavam o queixo das jovens. Atados no pescoço, ou cruzados a apertar atrás, significavam outros tempos, outras idades. O casaco comprido exigia, então, determinado estatuto; casava com o cabelo cortado e a permanente, sinónimos de posição privilegiada na hierarquia social. Com o xaile e o lenço que serviam, conforme a textura, para o Inverno e para o Verão, ligava o chinó. Timbre distintivo dos homens era o fato e gravata, símbolo do profissional de caneta. No Inverno, as peliças e capotes alternavam com sobretudos a especificar a categoria social de uns e de outros... mas as meias, por cima dos sapatos ou das botas, livravam todos de escorregadelas no gelo das ruas.

Em cidade fria, são quentes os afectos. Talvez a saudade enamorada de um tempo, empreste uma luminosidade que não se vê, mas se sente... O frio da minha Guarda é feito de jóias solares que se penduram nas bocas das gárgulas da Sé, da neve em silêncio de deuses, das casas onde nasciam as amizades para durar vidas...

Memória do frio

João Bigotte Chorrão

Foi-me dado ainda conhecer uma Guarda frigidíssima, mas de um frio muito seco, como tal saudável para doentes pulmonares. Era um tempo em que a tuberculose continuava como um flagelo social, de desenlace não raro fatal. Muitos procuravam no Sanatório Sousa Martins alívio ou até a cura do seu mal. Além do pavilhão central, havia, disseminados pelo parque, chalés arrendados a famílias atingidas pelo bacilo de Koch. Era então director do Sanatório o Dr. Ladislau Patrício, fisiologista distinto e literato que da experiência clínica extraiu matéria para alguns dos seus livros.

Num país de doces costumes, era – e ainda é – áspero o clima da Guarda. Nevava tanto e com tal intensidade, que se tornava difícil, perigoso e até vedado o trânsito automóvel e a circulação de peões. Não havia agasalhos, cobertores de papa nem aquecimento à medida do frio que se insinuava na roupa e escarnecia das tímidas braseiras.

O aquecimento desse tempo desconhecia toda uma gama de braseiras e cobertores eléctricos, de irradiadores, de aquecedores a gás ou a óleo. Uma lareira ou fogão de lenha é que irradiava um calor tão forte que só ele aquecia os ossos enregelados.

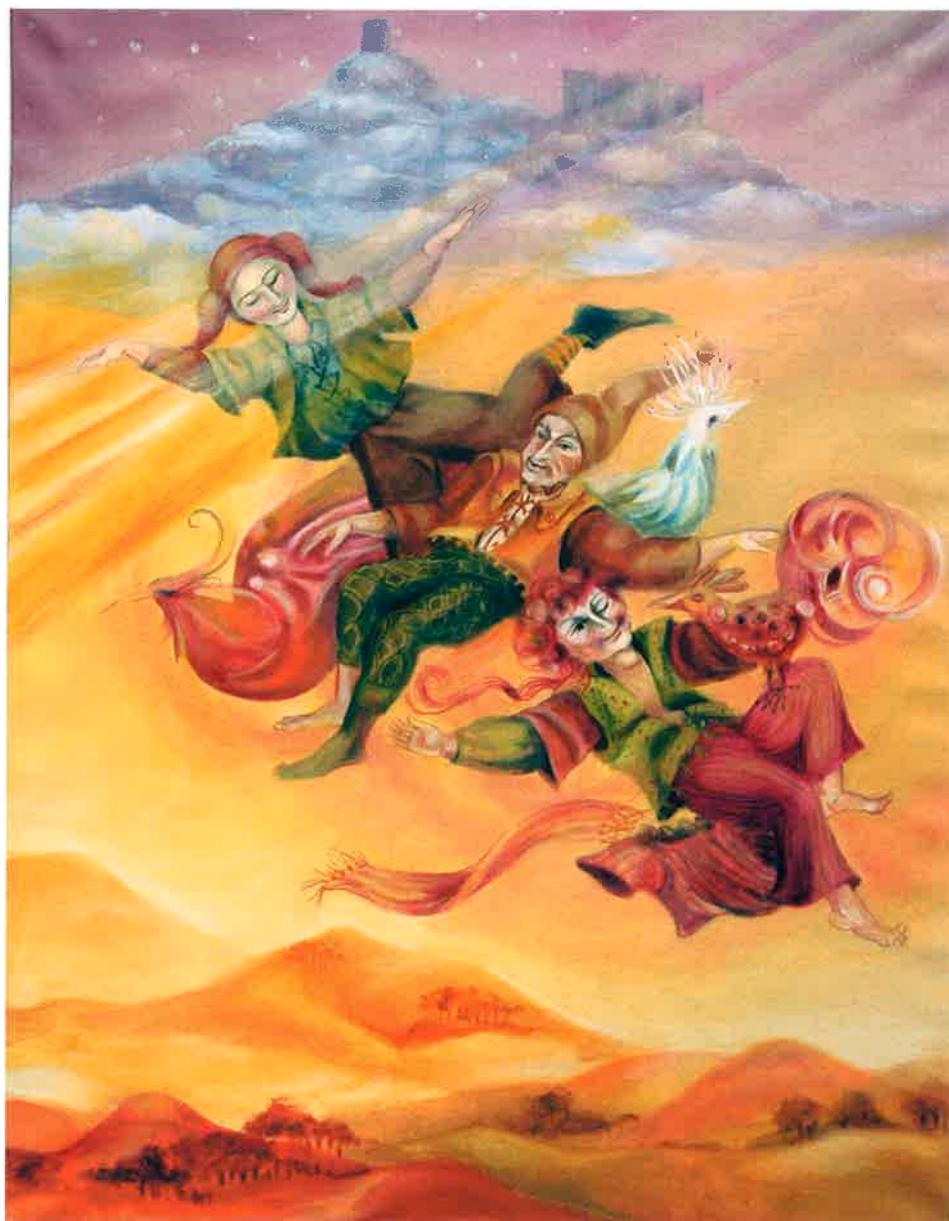
As gélidas casas de granito e as de grande pé direito e compridos corredores, de tão desconfortáveis, também não resguardavam eficazmente do frio exterior.

Mas as crianças, com o seu sangue buliçoso, com o seu senso lúdico, que de tudo tiram partido para brincar, lá procuravam enganar o frio, rebolando-se, quantas vezes de calções, na neve, fazendo com elas bolas que atiravam aos companheiros do folguedo. Passada a hora agitada do recreio, não se podia iludir o suplício das frieiras.

Nem sempre é nos dias mais sombrios, de vento desabrido e chuva desabalada, que o termómetro desce muito abaixo de zero. Lembro-me de um dia sereno, de límpido céu azul, em que a temperatura descera a quinze graus negativos! Mas a Guarda, como cidade exposta no alto da Serra da Estrela, estava condenada a ser fria, muito fria. Justifica, por isso, o velho ditado que lhe atribui, entre outras características menos lisonjeiras da sua identidade, o de ter um clima extremamente agreste. Não vale para ela o princípio de que in medio virtus.

Natal de 2004





Evelina Cøelhø





Uma voz cá dentro

Manuel Pøppe

Abaixo de zero? O silêncio? Nós diante de nós e centro do infinito? Recordo Veneza nocturna coberta de neve, as gôndolas presas ao cais e os *vaporetti* iluminados a subirem o Grande Canal. Espreitava tudo isso na *Piazetta*, junto às colunas de São Teodoro e da Quimera e ouvia uma voz cá dentro. Era eu a perguntar-me a viagem que fizera e a dizer-me: “Minha mãe não sabe onde estou!...” Sorria: o mundo pertencia-me. Outras vezes, em Burano, a ilha das casas coloridas, diante da imensa laguna impassível, ao longe, S. Francesco del Deserto, já o nome a espicaçar o sentimento de exilado, em Bucareste, oito dias prisioneiro de uma tempestade de neve. Sempre, no imo, situações extremas de marginalidade, distância, vivências subjectivas, claro, que valiam elas, vistas com olhos práticos, lógicos, sensatos? Mas olhos desses não vêem e a lógica é uma batata que não arranha sequer a vida viva – quanto esconde a aparência, limite do nosso conhecimento razoável. Acontecia eu regressar –ou julgar-me regressado– à pureza inicial, solto da matriz, livre,

de novo aventureiro, desancorado e ávido. E, no entanto, há muito deixara a casa de meus pais. Exilara-me aos oito anos, caminho da Guarda, do gelo, do cieiro e das frieiras. Ali, nos longos Invernos, começara a escutar-me e crescera. Lisboa, a Babilónia onde penara, mar absurdo de homens frenéticos, acossados pelo vazio que carregam, bonifrates vendidos, o mercado das relações corrompidas – tinham ficado atrás. Cada gesto, erro, paixão – eram meus. E, em cada encontro, me entregava virgem. Refazia-se, pois, a ilusão. E era ilusão? Chegamos a esquecer o nosso exílio? No mundo deformado, traído, que destruímos, levados por inépcia, medo, vã ganância – perdemos a alma? A luz original? A ele nos damos? Ou a nostalgia – a saudade da terra prometida – faz com que a luzinha se acenda e, assim, nos retempere? Talvez, abaixo de zero, a bater o dente mas olhos bem abertos e coração a galope, a nossa verdadeira face recuperada e dispostos a perder o que não vale, ousemos repetir: “A minha alma é só de Deus,/ O corpo dou eu ao mar”.



O Frio do Rio da Guarda

Francisco Capelo

Guardo o frio do rio da Guarda no meu coração
Para sempre é o sempre de tal rio, para sempre verão
E canto a quem me ouça que o frio é o quente...
Porque não vivo, não sinto nem sou gente

Querem que fale do frio deste rio como se fala de um irmão
E eu não falo, canto, pois o rio é uma canção
E sonho ser eternamente ausente...
Dentro do rio, que não me vê mas sente

A água, fria, pura, é o meu berço
E o rio é o barco onde de tudo me esqueço
Mas apenas respiro porque o tempo se esqueceu de me sonhar...
E sim, eu sei que o rio acaba no mar

Agora que recordo a sua água no tempo de nascer...
Sinto o seu frio através de um rio que fosse meu ser.



Já peneira a velha

Nørbertø Gønçalves

Estava a velha a peneirar. E como ela peneirava, a velha...

Um abismo de silêncio, de um silêncio quase absoluto, fazia daquela noite algo de irreal. Isto enquanto a luminosidade de uma alvura incerta brigava em desespero com as trevas. Fazia-se assim um quase dia.

Estava a velha a peneirar...

Esta era daquelas que, na pia baptismal recebera das gentes, saber degerações feito, o nome de buraqueira. Ao som da melodia do vento a assobiar, espaventoso, nas esquinas, dançava, rodopiava, enlouquecia de volteios. Depois, num estranho cansaço, escapulia-se pelo primeiro buraco que se lhe atravessasse, à procura do destino. Buraqueira?!...

Bem encontrado o nome!...

E a velha peneirava...

Era ainda manhã pequena e já a cama fofa, de cetim, estava pronta, estendida por montes e vales, palácios e casebres. Um cão a vaguear por ali, um chilreio de pardal assustado e frio a ouvir-se dali, um piar de mocho ou coruja a agoirar lá dos altos dos montes, um láparo curioso, de orelhas fitas, a espreitar à boca da toca.

Depois, mais nada.

Só branco.

E branco.

Só silêncio.

E mais silêncio.

Queda e muda a Terra toda... Tudo uma quieta melancolia... Como se a natureza quisesse impor descanso aos seus, que assim é a ordem das coisas. Manda quem pode...

A velha, essa, peneirava e peneirava...

Ao fundo, tanto quanto aquela cortina branca, espessa, apenas translúcida, deixava ver, distinguiam-se agora uns pontos negros, ziguezagueantes e dobrados pelas cruzes.

Xailes. Eram xailes. Negros, em perfeita antinomia, com o meio, lutavam com o vento gélido e com a alvura imensa. Aventureiros, cosiam-se ao abrigo das paredes e vagueavam. De repente desapareciam na entrada de uma casa ou no cotovelo de uma ruela.

Entretanto a velha peneirava...

Nos cocurutos dos pinheiros, nos braços nus dos castanheiros, nas giestas dobradas, nos recantos mais escondos, até nas janelas, estendia-se o manto branco. Tudo parecia render homenagem à Mãe Terra debaixo de um céu de chumbo.

E a velha a peneirar...

Fazia-o agora mais cansada. Eram cada vez menos os



volteios. A dança cada vez mais sussurrada. Amainara o vento e a cadência da dança e, agora, podiam já entrever-se ao longe os altos da Sé, da Torre de Menagem ou da Misericórdia. Ruas e ruelas voltavam à vida. Alga-zarra de pequenos deixava adivinhar, bonecos, muitos bonecos...

Peneirou a velha uma última vez. O último fôlego. Um sopro fraco, quase suspiro. Aquele que permitiu que a buraqueira entrasse, sem bater, por uma frincha do telhado e se deixasse cair, exausta da viagem, no moirão negro da cozinha. Ainda assim, mesmo já feita em água de cansaço, ouviu numa voz velha de avó:

Está a chover e a nevar
E a raposa de cu p'ró ar
A fazer a camisinha
P'rá amanhã se ir casar.





Arménio Bernardø





Sérgio Currais

